

Entre a Exposição e a Invisibilidade:

Uma leitura da crítica sobre vida e obra de Patrícia Galvão

Virgínia Celeste Carvalho da Silva* Emylayny Sarayna dos Santos Freire Filho**

RESUMO

Ao ler sobre Pagu – escritora e jornalista – uma guestão ronda-nos: guem foi esta mulher que, ao primeiro contato, parece tanto se destacar das outras mulheres de seu tempo? Ao menos é esse o ethos discursivo que a crítica sobre sua vida e obra nos traz. Logo analisaremos, neste artigo, alguns textos que nos contam a vida literária e política de Patrícia Rehder Galvão, ou, como é conhecida, Pagu. Ainda persiste uma certa obscuridade sobre sua obra literária e jornalística, sendo quase sempre a sensualidade e ousadia de Pagu como temas basilares de boa parte de sua fortuna crítica. A luta de Pagu contra o falso moralismo de sua época é sim indiscutível, e seu posicionamento enquanto feminista e revolucionária, bem conhecidos. Objetivamos, contudo, mostrar que há tanto uma superexposição de alguns pontos de sua personalidade, quanto uma invisibilidade de sua obra, pois: 1) a mesma fortuna crítica que a clama como à frente do seu tempo está imersa em valores que muito mais ferem do que respeitam os ideais pelos quais a "musa modernista" lutava; 2) como compêndios de sobre a Literatura Brasileira negam espaço à discussão da obra de Pagu, que esteve engajada no Modernismo Brasileiro enquanto escritora, jornalista, teatróloga, desenhista e poeta. Concluímos nosso trabalho buscando restaurar a figura de Pagu como símbolo histórico e literário, no intuito de construir uma leitura feminista de sua obra, demonstrando como ela participou da vida literária brasileira.

Palavras-chave: Literatura. Ethos Discursivo. Pagu. Invisibilidade. Epistemologia Feminista.

Mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL





INTRODUÇÃO

Quando citamos Patrícia Galvão — principalmente quando se está à frente de uma turma inicial de literatura no Curso de Letras — temos noção do quanto sua obra ainda é menosprezada, pois nos deparamos com expressões de desconhecimento; alguém da sala ainda pode cantarolar a música de Rita Lee sem fazer ideia a quem o título da canção faz jus.

Por outro lado, quando pedimos uma pesquisa sobre a escritora, o que recebemos são informações tanto superficiais quanto preconceituosas que rodam seu nome. Notamos que é escasso material, não apenas sobre seu poder literário, mas também como seu ideal e sua força enquanto mulher intelectual; essas questões ora são sufocadas ora minimizadas pela teoria literária convencional. Esta parece descartar a mulher que se mostrou forte nas esferas política e literária, e mais ainda: a percebe sem tentar compreender o cenário cultural e intelectual feminino e feminista da época.

Ao lermos a fortuna crítica da Pagu, apelido conferido pelo poeta Raul Bopp, notamos um direcionamento em expor sua vida pessoal: a menina levada, adolescente que aborta, a mulher de relações sexuais prematuras, de casos extraconjugais. À essa biografia, concedem o adjetivo "turbulenta" ou "vanguardista"; e foi por meio desta, não pelos ideais políticos e literários, que Pagu se tornou conhecida e marcante na sociedade. Enquanto isso, seu livro mais conhecido "Parque Industrial" não é citado no rol de livros modernistas nos compêndios de literatura brasileira.

E quando que pensamos numa relação Pagu e as mulheres a ela contemporâneas, essa crítica é ainda mais cruel: ela passa do movimento de exposição e invisibilidade para o de exaltação e segregação, corroborando com uma História ideologicamente comprometida com ideais patriarcais de isolar mulheres. Se pensarmos no imaginário sobre a mulher dos anos de 1920, certamente nos virá aquela imagem de "normalistas", cujos primeiros direitos estavam lhes sendo





concedidos por "homens". Então nos aparece Pagu que, com sua rebeldia, dizem, se colocou "a frente de seu tempo". Imagem esta que, no mesmo instante que a torna um ícone, apaga da História tantos passos dados por mulheres literatas e que lutavam por direitos políticos.

Tendo isso em mente, queremos discutir como os rumores sobre a vida de Pagu tomaram maiores proporções e seus feitos como escritora, jornalista e intelectual foram deixados de lado, justamente pelo viés discursivo marcadamente machista que a crítica literária se constrói. Dessa forma, julgamos que seu comportamento e atitudes que ultrapassava os limites sociais estabelecidos à mulher de seu tempo, garantiu uma certa invisibilidade às suas obras no mesmo momento que lhe presenteou com o título de "musa do Modernismo".

Faremos, então, uma análise nem de sua vida literária nem de seu próprio texto – o que certamente será feito em artigos futuros – mas como se dá a existência dessa mulher – o que denominaremos no artigo por Ethos – através de textos que compõem sua fortuna crítica, cujos temas limitam-se a imagem de uma moça polêmica, rebelde e anarquista. Esquecendo-se de uma Pagu que encarou uma jornada de intensas lutas e enfrentamentos, que tiveram grande positividade na continuidade do avanço da figura feminina na literatura.

1 De onde observamos

Este artigo nasceu como uma crítica. Durante a pesquisa e a orientação da monografia de fim de curso "A crônica Literária brasileira no espaço feminista do século XX: Uma análise histórica e ideológica", cujo problema era analisar textos de autoria feminina, outras problemáticas se fizeram presentes, tanto no que diz respeito a escassez de material para pesquisa, quanto o silêncio sobre autoras nos grandes compêndios da Literatura Brasileira e, por fim, e ponto no qual nos





deteremos nesse artigo, a crítica feita a autoras sob um ponto de vista conservador e machista.

Especificamente, se entendemos que "a teoria do conhecimento é a parte da filosofia que estuda as relações entre sujeito e objeto no ato de conhecer" (CALVELLI; LOPES, p. 347), fica visível o quanto é necessária uma revisão não apenas no cânone literário – movimento muito aclamado e sim já feito por muitas estudiosas – mas da própria lógica que sistematiza o valor literário. Este está respaldado em um conservadorismo de formas e temas, fazendo com que mulheres sejam colocadas em espaços sociais que o feminismo combate: a mulher que não é protagonista e produtora de sentidos; é personagem, é criação.

Infelizmente a mulher, muitas vezes, ainda é tratada como uma anomalia na História da Literatura. Uma enxerida ou um mito. Isso revela que há uma tendência a pensar a mulher de forma predeterminada; um padrão biológico que caiba nos enquadramentos sociais:

em se considerando os "estudos da mulher", esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. (RAGO, 1998, p. 29)

Para sair desse lugar discursivo, precisamos de uma teoria que, além de debruçar-se sobre o feminino e o feminismo, busque uma construção epistemológica feminista. O que, certamente, já acontece nas ciências humanas:

A teoria feminista aponta também para a estreita relação existente entre ciência e poder e ainda para o fato de as mulheres não terem sido mencionadas em grande parte da história do conhecimento. Segundo Elizabeth Grosz (2006, p.206): "A amnésia, o esquecimento das contribuições das mulheres na produção do conhecimento, é estratégia e serve para assegurar as bases patriarcais do conhecimento. (CALVELLI; LOPES, 352)

E é essa amnésia, mais estritamente, a amnésia entre histórias de escritoras que é tão cruel para a mulher: dá-nos a impressão de descontinuidade; de que nada fora feito anteriormente; que a escritora que "está à frente de sua época" é um local impossível e solitário. É sob esse ponto de vista que vamos analisar alguns espaços





discursivos aos quais a escritora Pagu foi relegada: um ethos que não coaduna com uma postura feminista de análise.

2 Da Exposição: A Ousada Pagu

Uma vida rodeada de polêmicas, lutas e exposições, isso é o que nos conta algumas biografias desta, sem dúvida, grande mulher, que fez história em seu tempo. Patrícia Rehder Galvão, ou apenas Pagu como a trataremos adiante, teve sua imagem construída no ideário de mulher que se desprende de suas contemporâneas pelo seu forte engajamento na política, suas ideais que poderíamos chamar feministas – mas que a crítica não toma por esse nome – e pela própria imagem de seu corpo – sua maquiagem e seu penteado.

Temos que salientar aqui que esta ordem "engajamento na política", "ideias feministas" e "imagem" é nossa, afinal as primeiras e recorrentes características reafirmadas sobre Pagu dizem respeito à sua suposta diferença com as mulheres de seu tempo, afinal

Patrícia Galvão, desde cedo, foi uma moça diferente. Contam que a normalista era muito extravagante. De acordo com Oliveira Ribeiro Netto, ela 'andava sempre muito maquiada, com uma maquiagem amarelo-escura, meio cor de queijo palmira, pintava os lábios de quase roxo, tinha um cabelo comprido, assim pelos ombros, andava sempre com ele desgrenhado e com grandes argolas nas orelhas'. (NEVES, 2005, p. 42)

É notável como as palavras "Normalista" e "extravagante" foram colocadas na frase como antônimas e essa leitura é ratificada pela descrição que Oliveira Ribeiro Netto, crítico literário e poeta, lhe confere, evidenciando como exceção, quando, na verdade, Pagu desfilava nas ruas o que havia consumido – no próprio movimento antropofágico do Modernismo – a moda *chanel* dos anos 20. Recorrer sempre a visão de homens de sua época haverá sempre de mitificá-la sem lhe dar, no entanto, o seu devido lugar na cena literária e política.





Infelizmente esse problema não é de hoje. Pagu, à sua época, fora vista como uma mulher de sexualidade exacerbada, politicamente desvairada e de obra literária incompleta e medíocre. Foi em 1982, finalmente, que os holofotes voltavam-se a essa mulher de uma maneira mais integral, com a publicação de Pagu: Vida e Obra, de Augusto de Campos. Segundo o autor, em entrevista ao Estadão, na data do relançamento de sua obra:

Até que surgisse o meu livro, ninguém sabia nada sobre Pagu. Era a caricatura de uma mulher espalhafatosa e sedutora, que havia acabado com o casamento de Oswald com Tarsila, ou de uma comunista doidivanas, presa na época do Getúlio por suas estripulias políticas. O livro mudou tudo. (CAMPOS apud ESTADÃO, 2014)

Esse livro tem o mérito sim de retirar a biografia de Pagu das sombras e de dar-lhe um engajamento não apenas meramente ilustrativo do Movimento Modernista, entretanto ainda demarca uma certa "filiação" de Pagu a homens. Como resume, seu autor, na mesma entrevista ao Estadão:

É realmente espantosa a lucidez com que Patrícia Galvão analisa os anseios de mudança da sociedade e da cultura modernas ao longo de sua vida madura. Mas ela deve muito a Oswald de Andrade e à revolução literária de 1922, à qual estreou, aos 18 anos, na Revista de Antropofagia, em sua fase mais radical, em 1939. (CAMPOS apud ESTADÃO, 2014)

Em outra entrevista, agora ao Jornal O Globo, Augusto de Campos como a percepção crítica sobre vida e obra de Pagu sempre tende a distanciá-la de outras mulheres. Não apenas das donas de casa, das esposas, das normalistas, mas também das artistas de sua época:

Na história do Modernismo foi certamente precedida por Anita Malfatti e por Tarsila, de quem era discípula. Era muito mais nova do que elas — tinha 18 anos quando estreou na "Revista da Antropofagia", em sua fase mais radical — a "segunda dentição", em 1929. Mas nem Anita nem Tarsila eram escritoras, nenhuma assumiu até o fim ideias tão radicais e renovadoras, nenhuma correu os riscos e sofreu o que sofreu por elas, nenhuma defendeu com tanto ardor a arte de vanguarda, nenhuma se pode comparar, em termos de atuação ética e estética, com ela. De um modo ou de outro, todas acabaram cedendo, menos ela. (CAMPOS apud O GLOBO, 2014)

Pagu foi ganhando, então, uma dimensão mítica; colocada em um patamar distante de suas contemporâneas. Esse papel de "heroína", em detrimento da





protagonista, já havia sido mostrado por Heloísa Pontes (2006) ao resenhar tanto a parte que cabe a Pagu no livro "Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: A experiência do suplemento literário do Diário de S. Paulo, nos anos 40" quanto o livro "Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão":

Em virtude da fama crescente era previsível que uma parte da história – e da personalidade que lhe conferiu tônus – se perdesse para dar lugar a enredos edulcorantes, afeitos, enquanto forma narrativa, às construções míticas que teimam em proliferar nos tempos modernos. Da menina levada à mulher liberada foi um passo. Dado menos por ela, na condição de protagonista, e mais pelos intérpretes que a tomaram como heroína das suas histórias. (PONTES, 2006, p. 433)

Fica claro o quanto Pagu, que por seus atos tentava ter autonomia e liberdade, tornava-se refém de uma crítica que encaixota mulheres como personagens e nunca produtoras de sentido. O que a autora não comenta é que dentro de uma perspectiva histórica, de uma continuidade na participação de mulheres na vida literária, o problema ainda se torna mais grave, pois enjaula Pagu como exemplo único e que não deve ser seguido.

Mas nenhuma dessas nuances há de aparecer tanto e intrigar tanto seus críticos quanto sua sexualidade. Esta parece ser o primeiro tópico em abordagens sobre Pagu – e sua intimidade é visivelmente usada como motivo de mitificação:

A um só tempo "acima" e "abaixo" da experiência erótica, o amor não se realizou como experiência corporal plena com o primeiro namorado, de quem engravidou e abortou aos 14 anos. Tampouco com Oswald de Andrade, por quem nutria sentimentos contraditórios de admiração, repulsa e atração. (PONTES, 2006, p. 434).

Pagu é aclamada por destacar-se no Modernismo quando a figura feminina – da mulher branca e de "família" – passava por um estreito reconhecimento de sua identidade. Ela estreou suas atividades artística e literárias, ainda muito jovem, tendo o auxílio de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, sendo eles os principais mediadores de sua entrada no meio literário. Ao falar sobre esse relacionamento artístico, há uma necessidade sempre de assinalar o romance entre Oswald e Pagu, e boatos sobre a infidelidade de ambos.





Sobre o relacionamento com Oswald e demais Modernistas, o que não falam é como a imagem de Pagu não se desvencilha desses nomes. E não é uma questão aqui como existe entre escritores: a noção de que traços estéticos ou ideais poéticos os reúnem, não. O que se mostra é uma Pagu bibelô, que perfazia o "esperado"; que era a imagem do que estes homens desejavam. É sempre uma relação de apadrinhamento, de acolhida e não uma comunhão:

Para eles – ah, sim! –, ela se prestava admiravelmente ao papel de ícone dos novos padrões de beleza chocante do modernismo. Era jovem, bonita, inteligente; seus desenhos e poemas, inquietantes. A ousadia da normalista cheia de talento e atrevimento ajustou-se de forma irretocável ao espírito irreverente dos modernistas. Assim, Pagu, como ficou conhecida, transformou-se em *musa antropofágica* [grifo da autora]. (FREIRE, 2008, p. 46).

Ao menos a crítica literária que expõe Pagu comprometia-se não apenas com sua legitimidade, mas também com ideias políticas, principalmente no que diz respeito ao espaço social mulher. O que ela não faz é criar uma ponte entre Pagu e outras mulheres, tanto escritoras quanto políticas – em seu sentido mais amplo – que vieram antes dela; isto sempre faz parecer que mulheres não conseguem influenciar umas às outras e atenua o poder de conquistas obtidas.

Ainda é válido ressaltar que Patrícia é apontada como uma das primeiras mulheres brasileiras a serem presas por motivos políticos no Século XX (SCHUMAHER; VITAL, 2000, p.464). Engajada na política, Pagu teve mais de 20 prisões, e esteve à frente de vários protestos em defesa de seus ideais. Mulher que reprovava a imoralidade e descriminação da burguesia de sua época, obteve grande exposição desses aspectos de sua personalidade, no entanto como isso se tornou literatura foi ou negligenciado ou observado em um ponto de vista ainda patriarcal.

3 Da Invisibilidade: Vida Literária

Diferentemente de sua vida pessoal, quanto à sua visibilidade em esferas literárias, Patrícia Galvão tem sido alvo da invisibilidade e do pouco prestígio. Pagu,





assim como as demais mulheres escritoras de seu tempo e antes dele, também colheu os frutos da negação dos valores intelectuais e dos preconceitos. O espaço literário construído pela crítica tradicional apenas acolheu, por muito tempo, o olhar masculino sobre o mundo, assim, mantendo uma leitura feminina – e feminista – fora de questão. Não poderíamos deixar de salientar os avanços nos últimos anos dentro dos estudos de gênero, entretanto o que impede da autora aqui citada de ter mais espaço?

Em sua entrevista ao Estadão, Augusto de Campos tenta responder essa pergunta:

Ser mulher era, sem dúvida, um fator negativo para uma escritora na época de Pagu. [...] No caso de Patrícia, houve como circunstância agravante a sua vida tumultuada pelos muitos anos de prisão e pelo inevitável reflexo que isso teve em sua vida, e a consequente dispersão de seus escritos. Mas houve e ainda há, também, muita resistência dos meios acadêmicos para aceitar a sua produção não-ortodoxa e, principalmente, as suas posições em defesa da vanguarda artística, sempre vista como desconfiança, e sempre acolhida com décadas de atraso, como ocorreu com Oswald, Sousândrade e a poesia concreta. (CAMPOS apud ESTADÃO, 2014)

Não que não compartilhemos dos pontos apresentados, só achamos que eles devem ser analisados de um outro ponto de vista: 1) se era um fator negativo ser mulher, como Pagu se inseriu nessa jornada de mulheres que buscavam este título de "escritora"? 2) além do fato de ser mulher, havia o fato de ser comunista e ter sofrido perseguição política, então, onde a história de Pagu se encontra com outras mulheres que vieram antes dela, na luta pelo voto e outros direitos políticos? Inclusive trazendo o tema para arte, como Josephina Alvares de Azevedo o fez, ao encenar uma peça com esta temática; 3) se Oswald sofreu, em seu tempo, uma certa "desconfiança", mesmo assim ele é apontado nos compêndios de literatura; o que está distante de Pagu, que se aproxima muito mais de Gilka Machado, neste aspecto, que chocou a comunidade ao lançar um livro de poemas eróticos em 1918.

Não é um problema apenas de aceitação do que não é ortodoxo, como deve acontecer a escritores homens. É um problema da lógica viciadamente machista em "ilhar" mulheres: as tornam ícones, o que ocasiona na quebra de um *continuum*





discursivo. Isso acarreta numa imagem 'ahistórica' da mulher em questão: sempre a frente, nunca com as suas companheiras.

Embora tenha inaugurado um gênero na ficção brasileira — o romance panfletário — com a publicação de *Parque Industrial* (1932), não encontramos Pagu citada em livros como *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Perguntamo-nos o que lhe falta para tanto, já que o romance entra numa linhagem que é típica da literatura brasileira — chamado "romance social" — e traz aspectos da antropofagia tão aclamada por modernistas, o que poderia lhe conferir o título como obra que fechou esse momento literário. Em pesquisas para encontrar tal resposta, deparamo-nos com um testemunho peculiar do crítico marxista:

Certa vez fui jantar na casa de Lasar Segall, eu era muito tímido, e quando cheguei e vi o pessoal na mesa e ouvi a voz de Mário de Andrade, fiquei parado no saguão. E quem estava sentado ali na entrada, em um banco, era Pagu e Geraldo Ferraz. E estavam assim se namorando, falando coisas baixinho um para outro, ela passava a mão nele, ele passava a mão nela, pareciam um casal de meninos de dezesseis anos. Achei tão bonito aquilo, mas não tive coragem de entrar no jantar, eu era muito tímido. (CANDIDO, apud NEVES, 2005, p. 50)

Se há o silêncio sobre a obra, há, em tom de fofoca, corroborando com a acusação que Augusto de Campos (ESTADÃO, 2014) faz sobre Pagu não ser reconhecida porque as

universidades paulistas, sob a influência de Antonio Candido e seu patrono Mário de Andrade, a ignoraram, certamente porque Pagu, crítica implacável do conservadorismo, em uma memorável comunicação ao Congresso de Poesia de 1948, em São Paulo, com Oswald ainda vivo, repudiou a geração de 45 e acusou Mário de Andrade de "traição" à causa modernista, devido ao seu demissionário "Elegia de Abril", texto de abertura da revista "Clima" (1941), de Candido e dos que Oswald chamava de "chato-boys", "funcionários tristes da sociologia".

Em nossa concepção vai além: a mulher não está inserida ainda no sistema literário. Não estamos falando da inexistência de escritoras no rol da crítica literária; falamos sobre um percurso discursivo que interligue estas produções femininas e que as tirem desses espaços de ícone ou de silêncio, pois ambos são cruéis para uma história comprometida com o espaço feminino.

Pagu tratou de assuntos que muitas vezes feriam a visão moral do tempo; do que era esperado a uma jovem de sua classe, sua raça fizesse. "Pagu participava





ativamente do grupo dos Antropófagos e da política nas décadas de 1930 e 1940, sem ter merecido figurar nos livros de História e Literatura que narram a Era Vargas e o Movimento Modernista Brasileiro.", afirma Lúcia Helena Joviano, em seu artigo *Pagu: autoria e interdição no contexto da episteme moderna*. O que nos mostra e fundamenta a visão de que, apesar da ativa atividade que Pagu desenvolveu dentro da história política e literária do nosso país, a sua invisibilidade é diretamente ligada ao mesmo discurso que a expõe: um movimento de mitificação e exclusão.

Mesmo que possamos destacar como o primeiro romance proletário brasileiro, *Parque Industrial* e mesmo ele tendo provocado "intensas polêmicas por suas críticas a sociedade paulista [...] Pagu denunciou as condições socioeconômicas em que viviam os proletários e desmitificou a figura feminina pala além do espaço doméstico" (CAMPOS *apud* SCHUMAHER; VITAL, 2000, p.464) fica a sugestão de que esses temas são menores, ante o cânone literário.

Considerações Finais

Quando olhamos a biografia de Pagu sob uma ótica da episteme feminista, deparamo-nos com uma mulher, cujo o Ethos se construía sobre o conceito de liberdade e da transgressão de espaços, não apenas do feminino, mas também da classe burguesa. Quando nos deparamos com a tradutora, jornalista, escritora, política, vemos uma mulher inquieta e, acima de tudo, intelectual que pensava o seu tempo e agia conforme suas crenças. Não era apenas uma questão de palavras, era de viver o que se acreditava, como quando deixou sua vida burguesa para trabalhar como uma mulher do povo.

Contudo, seus feitos e reconhecimento intelectual estiveram cada vez mais fora do sistema literário do Brasil, pois não encontramos palavras sobre Pagu dentro dos compêndios de literatura, como uma mulher que participou ativamente da escola Modernista. Por outro lado, encontramos biografias e artigos acadêmicos que





exaltam de sobremaneira aspectos íntimos de sua vida, como a sexualidade e os "escândalos" amorosos. Mesmo quando encontramos artigos que falem sobre o romance *Parque Industrial*, vemos que estão centrados na crítica convencional, que não percebe uma continuidade de produção entre escritoras.

Entendemos que esse processo de mitificação, que a separa de outras mulheres, é tão pernicioso à história feminista quanto o silêncio, pois, silencia outras mulheres que vieram antes de Pagu. Silenciando também a visão de mulheres sobre o mundo e sua produção literária.

Essa é a realidade daquela que passou sua vida dedicando-se às Letras e artes. Falar de Pagu é pouco mais que desvendar uma trajetória, e sim descobrir uma grandiosa história de luta, conquista e principalmente de sonhos. Que temos, por obrigação ideológica, não deixar ser apagada.

REFERÊNCIAS

BRASIL, U. **Pioneira pesquisa sobre Pagu ganha nova edição**. Cultura Literatura, Estadão, 16/10/2014. Disponível em: < http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatu rapioneira-pesquisa-sobre-pagu-ganha-nova-edicao,1577379>. Último acesso em: 20 out 2014.

CALVELLI, H.G; LOPES, M. F. **A teoria do conhecimento e a epistemologia feminista**. Disponível em http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Haudrey.pdf. Último acesso em 19 out 2014.

FREIRE, T. Dos escombros de Pagu: Um recorte biográfico de Patrícia Galvão. São Paulo: Editora Senac, 2008.

FREITAS, G. Augusto de Campos fala sobre o revolucionário legado de Pagu, 'musa-mártir do Modernismo'. Caderno Cultura, O Globo, 18/ 10/ 2014. Disponível em: < http://oglobo.globo.com/cultura/livros/augusto-de-campos-fala-sobre-revolucio nario-legado-de-pagu-musa-martir-do-modernismo-14277753>. Último acesso em 20 out 2014.





JOVIANO, L. **Pagu:** autoria e interdição no contexto da episteme moderna. Disponível em: <www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Pagu-autoria-e-interdi%C3%A 7%C3%A3o.pdf>. Último acesso em 19 out 2014.

NEVES, J. Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: A experiência do suplemento literário do Diário de S. Paulo, nos anos 40. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

PONTES, H. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. Cadernos Pagu (26), jan-jun/2006: pp.431-441. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30399.pdf>. Último acesso em 19 out 2014.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (orgs.) **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1998.

SCHUMAHER, S; VITAL, E. Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.